

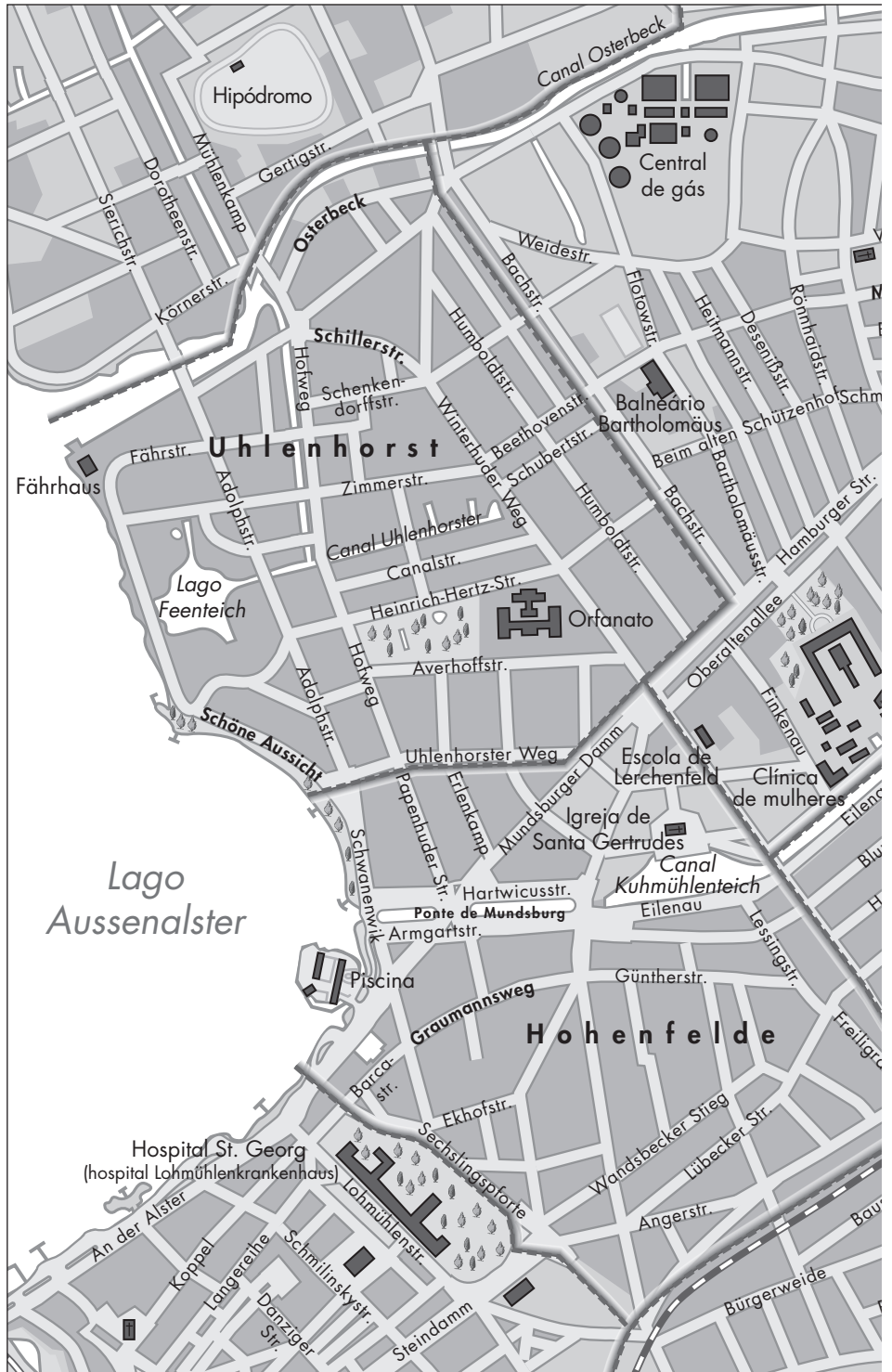
CARMEN KORN

FILHAS DE UMA NOVA ERA

Tradução
Ana Maria Pinto da Silva

 Planeta





Hamburgo 1919



Março, 1919

Henny levantou a cabeça e apurou o ouvido. Do quintal chegou-lhe um som até ao segundo andar, um som nostálgico, como o repique dos sinos e o canto de um melro. Vieram-lhe à memória os sábados da sua infância. Os clarões na água do bidão que utilizavam para recolher a chuva. As bagas brancas das groselheiras que cresciam junto ao muro traseiro do quintal. O odor do bolo que a mãe cozia no forno destinado ao domingo. O pai, que havia chegado do escritório e assobiava baixinho ao mesmo tempo que afrouxava a gravata e desabotoava o colarinho da camisa.

Henny aproximou-se da janela, abriu-a e escutou o som que a fizera evocar todas essas imagens: a chiadeira do velho baloiço.

Faltava muito para o verão. O rapazinho que se encontrava empoeirado no baloiço usava polainas de malha grosseira e um casaco curto, o céu era cinzento, as groselheiras ainda estavam despidas. No entanto, no campo já se viam os primeiros rebentos, na orla cresciam flocos-de-neve-de-primavera e a luz parecia mais promissora do que uns dias antes. Os duros meses de inverno haviam passado e, com eles, os obscuros anos da guerra.

– Como é que ainda estás de camisa de dormir, filha, e aí plantada, com o frio que faz? – Henny virou-se para a mãe, que entrara na cozinha e se acercava da janela onde ela se encontrava. – Ainda nem sequer são oito horas e a senhora Lüder já deixou o pequeno vir para o quintal.

– Else Godhusen abanou a cabeça. – Anda, despacha-te. Ainda resta água quente no fervedor, vou deitar-te um pouco na bacia.

O garoto desceu do baloiço e Henny perdeu-o de vista. É possível que tenha entrado em casa pela cave. O baloiço ainda ficou a oscilar durante um bocado. Henny afastou-se da janela e dirigiu-se para o lava-loiças com a bacia de esmalte, deixou correr a água fria sobre a quente do fervedor e correu a cortina de teso algodão branco, cujos bordados desfiados se arrastavam pelo chão de linóleo. As argolas da cortina deslizaram pelo varão de ferro e o algodão branco formou um pequeno compartimento reservado no meio da cozinha.

O varão de ferro tinha sido levado pelo pai pouco depois de Henny ter completado doze anos. «A menina está a crescer», dissera Heinrich Godhusen. «Não tem cabimento que a vejamos tomar banho.» No dia anterior, Henny tinha feito dezanove anos, e o seu pai há muito tempo que havia morrido. Tombara durante a Grande Guerra.

Henny despiu a camisa de noite e pegou no sabão de violeta. Não era tão áspero como o que havia nos tempos da guerra, que mal continha gordura e onde havia praticamente de tudo, inclusive argila para fazer tijolos. Mergulhou por um instante o precioso sabão na água e passou-o de uma mão para a outra, pensativa, até que fez um pouco de espuma. Em seguida, começou a lavar-se da cabeça aos pés.

– Sente-se o cheiro na cozinha toda – observou a mãe, orgulhosa de lho ter oferecido.

O sabão encontrava-se em cima da mesa juntamente com as prendas de Natal, ao pé de uma maleta de parteira em segunda mão, porém em bom estado. Else Godhusen havia sacrificado um pouco de margarina para que o couro escuro se apresentasse lustroso. «Para a futura parteira», afirmou. «É ainda melhor do que enfermeira. O teu pai ficaria muito orgulhoso.»

Mãe e filha quiseram impedir que ele fosse para a guerra precipitada e voluntariamente aos trinta e oito anos. «Não te armes em herói», disse-lhe Else. Contudo, Heinrich Godhusen deixou-se levar pelo delírio patriótico de agosto de 1914. Agitou o chapéu; não o rígido, mas sim o leve chapéu de palha, que com tanta alegria se movia. «Longa vida

à Alemanha. Longa vida ao *kaiser*.» A banda tocava, nos canos das espingardas havia flores.

Partiu para a guerra, morreu e enterraram-no em solo polaco, na Mazóvia. O segundo batalhão do regimento de reserva já se encontrava na Frente Oriental em setembro. «A guerra é o inferno», escreveu Heinrich a Else. Todavia, sobre isso Henny nada sabia.

– Deu-me a impressão de que a Käthe estava com um bocadinho de inveja de ti por causa da maleta – comentou Else Godhusen. – Vamos ver com que saco aparece na Finkenau. Se bem que o mais estranho é que a tenham escolhido, a bem da verdade, desleixada como ela é. Apercebi-me assim que vi que não tinha as unhas lá muito limpas.

– Basta, mamã – pediu Henny por detrás da cortina. A sua melhor amiga de infância hesitara no momento de se candidatar também a um lugar como aprendiz. Ser parteira na Finkenau, que há cinco anos era considerada uma das melhores maternidades de todo o estado, parecia demasiado ambicioso para Käthe, que era auxiliar numa associação de beneficência. – Conhece-la desde que tinha seis anos, mas às vezes acho que não gostas dela. – Pegou na camisa de noite que tinha deixado no varão.

– Podes sair nua sem problema. Não devias ter vergonha à frente da tua mãe, e na cozinha não está frio.

Henny abriu a cortina e saiu com a camisa de noite vestida.

– Ouviste o que te disse? – perguntou Henny.

– Acaso não fui até à cave buscar a última garrafa de vinho do Reno do teu pai para bebê-lo contigo e com a Käthe?

– Isso significa que agora já gostas dela?

A mãe de Henny fez uma pausa antes de responder.

– Gosto dela – disse ao fim de um bocado –, o que acontece é que tu és mais elegante.

– A tua mãe tem um parafuso a menos – havia comentado Käthe na tarde anterior, ao despedir-se de Henny à porta da sua casa.

– E é melhor nem falar da teimosia dela em assuntos de política.

O dia do aniversário começou bem. Terminaram a garrafa de *Oppenheimer Krötenbrunnen* de 1912 e beberam um espumante que havia envelhecido demasiado e estava escuro devido à oxidação. Brindaram a Henny e ao seu pai, que descansasse em paz, e depois ao futuro e às futuras parteiras. Acompanharam-no com pão de cebola e pickles, que Else foi encontrar no meio de uns boiões de compota vazios.

– Uma vez eu e o Heinrich pedimos *consommé* com folhas de ouro de verdade – contou, deleitando-se com a recordação. – Foi na ostraria Cölln's. O teu pai não gostou das ostras que mandámos vir, souberam-lhe demasiado a peixe.

– Ouro na sopa – Käthe abanou a cabeça. – No hotel Reichshof há bolinhos franceses com uma cobertura de glacé cor-de-rosa e amêndoas caramelizadas que também brilham. Mas as senhas de racionamento não servem ali.

– Sempre tiveste uma perdição pelos doces. – A mãe de Henny parecia ofendida, teria gostado de se deleitar mais um pouco no esplendor dos tempos anteriores à guerra. – Não entendo que volte a haver *petits fours* quando há tão pouco tempo estávamos em guerra com os Franceses. Aliás, a que propósito é que frequentas o hotel Reichshof, Käthe?

– Para a sobremesa há bolo mármore – apressou-se a dizer Henny, de modo a levar a conversa para um terreno menos perigoso.

– Ficou pequeno. Os ingredientes não chegavam para a forma grande. À Käthe vai saber-lhe a pouco.

– Nesse caso, o melhor é não lhe tocarmos – retorquiu Käthe. – Até é uma pena.

Talvez o espumante não tenha caído bem a Else Godhusen. Henny estava disposta a culpá-lo pelo facto de a mãe ter começado a cantar esta canção:

*Não se apoderarão dele, do Reno livre e alemão.
Ainda que o reclamem aos gritos como corvos gananciosos.*¹

¹ *Sie sollen ihn nicht haben, den freien deutschen Rhein. / Ob sie wie gier'ge Raben sich heiser danach schrein.* Canção patriótica e nacionalista de 1840 dirigida contra os Franceses. (N. da T.)

– A guerra foi um ato criminoso – replicou Käthe após o segundo verso. – Prejudicou todos os países. Além de que o *kaiser* é um patife desavergonhado.

– Também houve atos de grande valentia, por isso poupa os discursos comunistas aqui na minha cozinha, Käthe.

Então, a tarde acabou mal.

Depois, quando Käthe percorreu os poucos passos que a separavam da sua casa na rua Humboldtstrasse, onde vivia sozinha com os pais desde que os irmãos mais novos tinham morrido, Henny permitiu-se sonhar por um momento que dispunha de um quarto só para si. Um quarto onde a mãe não estivesse sempre presente.

Käthe e ela haviam crescido como vizinhas. Os pais de Henny tinham-se mudado para o edifício de quatro andares da esquina, no bairro de Uhlenhorst, na zona leste, perto de Barmbeck, pouco antes de Henny ter começado a frequentar a escola. Henny viu a menina de cabelo negro com tranças e o bibe torto no primeiro dia de aulas. Tal como ela, Käthe levava na mão o cartucho com guloseimas que os respetivos pais lhes haviam oferecido nesse dia tão importante. Da pasta assomava o trapo com que limpariam a ardósia, que ondulava ao vento, assim como as tranças também ondulavam com o vento. Tranças negras, tranças louras. Era um dia de tempestade.

– Olha só como ela leva o bibe mal atado – comentou Else Godhusen. Já na época possuía esse olhar severo e essa atitude tão pouco complacente para com os outros.

No dia anterior, antes de ir para a cama, a mãe ainda cantou a plenos pulmões mais três longas estrofes da malfadada canção, para grande desgosto de Henny, que foi atormentada em sonhos pelo último verso: «*Até as últimas águas terem sepultado os restos mortais do último homem.*»

Perseguiu-a sem piedade, e apenas a chiadeira do baloiço conseguiu calá-la de uma vez por todas.

Henny vestiu o fato de lã cinzento-pérola que Else lhe havia confeccionado a partir de um que era do pai, a blusa branca debruada e, por último, atou as botas.

– Estás um brinco – aprovou Else. – Aproveita e desfruta da liberdade, mas ao meio-dia quero-te de volta em casa.

Henny deu um beijo fugaz na face da mãe e fechou a porta ao sair. Já na rua deteve-se, olhou para o segundo andar e despediu-se com um aceno de mão de Else, que, como sempre, se encontrava debruçada na janela. Depois agachou-se e voltou a atar uma das botas pretas.

Tinha visto na montra da Salamander uns sapatos de salto de camurça macia. Talvez se desse a esse luxo quando comesse a trabalhar na Finkenau, para começar com o pé direito uma nova vida. Longe da sua mãe Else.

– E começa tudo de novo – dissera Käthe na tarde anterior, erguendo o punho enquanto Henny a seguia com o olhar da porta. Desde pequenas tinham de dar seis a oito grandes saltos para ir da casa de Henny, na esquina da rua Schubertstrasse, até à de Käthe, na Humboldt, que ficava mesmo defronte. Käthe era a que mais saltava.

Um quarto próprio. Uma porta que se podia fechar à chave. Com o seu salário de enfermeira poderia pagá-lo, mas a mãe não queria que ela saísse de casa, e o simples facto de abandonar o quarto dos pais constituiu uma prova de fogo, porque desde que a guerra eclodira dormia no lado da cama que o pai costumava ocupar em vez da cama desdobrável de quando era pequena.

Henny ocupou a imaculada saleta que estava reservada às ocasiões especiais e instalou-se na otomana até que a mãe acabou por permitir que fosse buscar a cama desdobrável ao sótão a fim de colocá-la na sala. Isso tinha sido no inverno anterior, e desde então a chave da porta havia desaparecido.

De manhã, quando ouviu o baloiço, foi assaltada por outra recordação: a abelha morta que havia encontrado certa vez no quintal. A pequena Henny surpreendeu-se com o facto de as abelhas poderem morrer no verão. O pai pegou no inseto e, depois de acomodá-lo na sua grande mão, levou-o para o campo a fim de enterrá-lo.

O seu bondoso pai, que se deixou arrastar pela loucura daquela guerra. «*Castelo forte é o nosso Deus*», cantava ele enquanto fazia a barba diante do espelho no último dia que passou em casa. As saudades que a filha de Heinrich Godhusen sentia dele.

– Vais ter de lavar muito bem as mãos se fores para parteira – advertiu Karl Laboe olhando para a filha, que se encontrava de costas.

– Não te preocupes – respondeu Käthe. Recolheu água com as mãos e molhou a cara. O resto deixaria para mais tarde, quando o pai não estivesse presente.

– Pois eu diria que isso é lavar à gato.

– Prefiro ir à piscina a ter de aguentar os teus olhares.

– Muito cuidadinho com essa língua, Käthe. Ainda vives debaixo do meu teto, e não me parece que as coisas possam mudar enquanto aprendes o ofício. – Karl Laboe apoiou as mãos sobre a mesa da cozinha e levantou-se da poltrona. Tinha a perna rígida desde o acidente que sofrera no estaleiro, mas essa perna hirta livrara-o de ir para a guerra. Se bem que a vida ali, ao comando do lar, também não fosse precisamente do seu agrado, sem muito que comer e com duas mulheres que dependiam dele. – A tua mãe hoje vai chegar tarde. Arranjaram-lhe um sítio novo. Em casa de uns fidalgotes da rua Fährstrasse. Agora faz lá limpezas.

– Já sabia. E agora vai, sai daqui depressa.

– O teu pai não é um comboio expresso – respondeu Karl Laboe, pegando na bengala, que estava encostada à mesa.

Käthe soltou um suspiro de alívio quando ouviu por fim a porta a fechar-se. Se fosse trabalhar na fábrica poderia tornar-se independente mais cedo. Na clínica passaria dois anos como aprendiz, uma eternidade. No entanto, era indiferente, Henny tinha razão. Quando iria atrever-se a fazer alguma coisa se não a fizesse agora, aos dezanove anos? Mas por que razão o pai se opunha assim a que ela, a única filha que lhe restava, fosse alguém na vida?

Despiu a combinação e continuou a lavar-se. A água da bacia havia arrefecido e o sabão era áspero como uma pedra-pomes.

– Fico contente por queres ser alguém na vida – afirmou Rudi, o rapaz que conhecera em janeiro na Juventude Socialista. Rudi, com os seus caracóis castanhos, que trabalhava como aprendiz de tipógrafo no *Hamburger Echo*. Era seis meses mais novo do que ela e estava sempre a ler-lhe poesia. Bom, nem sempre. Mas, durante os dois meses que haviam passado desde janeiro, pelo menos tinham sido quatro poemas. Podia ser que nesse dia lhe lesse um quinto, enquanto ela comia um bolinho retangular no café do hotel Reichshof. Ainda não tinha perguntado a Rudi onde ia buscar o dinheiro para se permitir tal extravagância.

Lina tirou do guarda-roupa o lençol grande, o que tinha bordadas as iniciais da mãe. Era uma das poucas coisas boas que não tinham levado para o mercado negro, e no entanto isso não fora suficiente para salvá-los durante o mísero inverno dos nabos. O pai tinha morrido em 1916, dois dias antes do Natal, e a mãe, em janeiro. Na certidão de óbito, o velho médico de família registou «insuficiência cardíaca», o que constituía um grande eufemismo. O desespero do seu irmão Lud, que na altura acabara de fazer quinze anos; a primeira certeza, a princípio reprimida, de que os pais tinham morrido de fome para garantir que os filhos sobreviviam.

Os Peters andaram muitos anos a tentar ter filhos, já passavam dos quarenta quando Lina veio ao mundo, em 1899, e dois anos mais tarde nasceu Lud. Tanto o pai como a mãe amavam os filhos acima de tudo, e sacrificaram-se por eles, uma ideia que era difícil de suportar. Isso fazia Lud sofrer muito mais, caso fosse possível, do que ela.

Lina sacudiu os ombros, como se assim pudesse livrar-se desses pensamentos, e abriu a porta do quatinho contíguo à cozinha, onde o irmão, que era um habilidoso faz-tudo, havia instalado um chuveiro. Talvez tivesse sido melhor que desempenhasse um trabalho manual, em vez de se ter tornado aprendiz na área do comércio. Lud queria trabalhar como comerciante porque era o que o pai havia sido. Tanto esforço para preservar algo; que sentido fazia? Eram apenas coisas do passado.

Despiu-se, pousou a roupa em cima do banquinho e enfiou-se debaixo do duche. A princípio só saíam umas quantas gotas de água. Lud fizera uma junção com a canalização da cozinha, que se situava paredes-meias com o que antes fora a despensa. Não era a solução ideal, mas era muito melhor do que lavar-se apenas por cima e por baixo no lava-loiças, e em todo o caso há muito que não havia nada para guardar. A pouca comida que tinham cabia no armário da cozinha e no para-peito da janela.

O sabão arranhava, mas começou a sair um jato de água. Com pele de galinha, Lina lavou-se e enxugou-se até ficar avermelhada. Reparou na roupa. Era absurdo usar espartilho quando se lhe podiam contar as costelas. Era mais do que suficiente cingir o cinto do vestido folgado.

No segundo verão da guerra, o professor de desenho incentivou as alunas para que não se sentissem obrigadas a usar essas peças de roupa apertadas com que nem conseguiam sequer andar. Pronunciou as palavras *barbas de baleia* como se fossem imorais. Era admirador de Alfred Lichtwark, célebre historiador de arte, e partidário da pedagogia reformista, e Lina, que tinha dezasseis anos, estava perdidamente apaixonada por ele. Depois ficou a saber que havia tombado em França, o país onde ansiava viver.

Dele ficaram a ideia do que poderia significar amar um homem e a intenção de ser professora para poder mudar algumas coisas nas escolas do seu estado. Será que era uma ousadia pensar que a pedagogia obsoleta tinha o seu quinhão de culpa naquela guerra horrorosa, já que havia formado um exército de pessoas subjugadas?

Inclusive, nos últimos dias do conflito, Lina teve medo de que recrutassem o irmão. No entanto, o aprendiz de comerciante da Nagel und Kaemp, fabricante de guindastes de barcos e de porto, livrou-se de ir para a guerra. Lina tinha prometido à mãe que cuidaria dele e pelo menos isso tinha conseguido fazer.

Pôs o vestido e levou o espartilho para a cozinha. Embora a faca afiada não tivesse nada para cortar há bastante tempo, deslizou pelo espartilho como se fosse manteiga. Lina quase sentiu prazer ao fazê-lo, ao mesmo tempo que se lembrava do professor de desenho.